



**A prática da Psicologia Fenomenológica no Amazonas: o Plantão
Psicológico em escolas públicas e sua pluridimensionalidade**

**The practice of Phenomenological Psychology in Amazonas: the
Psychological Duty in public schools and its pluridimensionality**

**La pratique de la psychologie phénoménologique en Amazonie: le devoir
psychologique dans les écoles publiques et sa pluridimensionnalité**

Ewerton Helder Bentes de Castro¹

Resumo

O fazer psicológico é constituído por uma série de olhares, diferenciados entre si, sobre o ser humano, objeto de estudo. E um deles, a Fenomenologia-Existencial que pressupõe ir ao outro a partir do encontro que entre ambos é estabelecido. O objetivo deste artigo é apresentar a prática da Psicologia Fenomenológica a partir da inserção de discentes no plantão psicológico em escolas da rede pública. Para tanto é resgatada toda a base conceitual relativa a Fenomenologia proposta por Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. É apresentada a perspectiva dos Três Olhares que consubstancia a configuração relacional experienciada na atividade. Percebe-se que, imergir na relação com o adolescente, a partir dessa propositura de clínica, é um contínuo desafio, pois pressupõe que saíamos de nosso locus de olhar o outro apenas a partir de hipóteses diagnósticas, reducionismos ou minimalismo de enquadres, para vivenciarmos uma relação em que a compreensão do vivido é o fundamento. Conclui-se que ao discente em formação e ao profissional de Psicologia que ouse enveredar pela perspectiva em questão, significa entender que o ser humano não deve ser observado como natureza humana, como condição humana, mas como conquista.

Palavras-chave: Fenomenologia-Existencial, plantão psicológico, clínica dos três olhares.

Abstract

Psychological practice consists of a series of different perspectives on the human being, the object of study. One of them, Existential Phenomenology, presupposes

¹ Prof Dr. da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Coordenador do Projeto Plantão Psicológico em escolas do Sistema Público de Ensino em Manaus. E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>



reaching out to the other based on the encounter that is established between both. The objective of this article is to present the practice of Phenomenological Psychology based on the insertion of students in psychological services in public schools. To this end, the entire conceptual basis related to Phenomenology proposed by Husserl, Heidegger and Merleau-Ponty is rescued. The perspective of the Three Perspectives that embodies the relational configuration experienced in the activity is presented. It is clear that immersing ourselves in the relationship with the adolescent, based on this clinical proposal, is a continuous challenge, since it presupposes that we leave our locus of looking at the other only from diagnostic hypotheses, reductionisms or minimalism of frameworks, to experience a relationship in which the understanding of the lived experience is the foundation. It is concluded that for the student in training and for the Psychology professional who dares to embrace the perspective in question, it means understanding that the human being should not be observed as human nature, as a human condition, but as an achievement.

Key words: Existential Phenomenology, psychological support, three-way clinic.

Résumé

La pratique psychologique consiste en une série de perspectives différentes sur l'être humain, objet d'étude. L'une d'elles, la Phénoménologie Existentielle, suppose un contact avec l'autre à partir de la rencontre qui s'établit entre les deux. L'objectif de cet article est de présenter la pratique de la psychologie phénoménologique basée sur l'insertion des étudiants dans les services psychologiques des écoles publiques. À cette fin, toute la base conceptuelle liée à la phénoménologie proposée par Husserl, Heidegger et Merleau-Ponty est sauvée. La perspective des Trois Perspectives qui incarne la configuration relationnelle vécue dans l'activité est présentée. Il est clair que s'immerger dans la relation avec l'adolescent, à partir de cette proposition clinique, est un défi continu, car cela présuppose que nous quittons notre lieu de regarder l'autre uniquement à partir d'hypothèses diagnostiques, de réductionnismes ou de minimalismes de cadres, pour expérimenter une relation dans laquelle la compréhension de l'expérience vécue est le fondement. On conclut que pour l'étudiant en formation et pour le professionnel de la psychologie qui ose embrasser la perspective en question, cela signifie comprendre que l'être humain ne doit pas être observé comme nature humaine, comme condition humaine, mais comme une réalisation.

Mots clés: Phénoménologie existentielle, soutien psychologique, clinique à trois.



À guisa de introdução de conceitos: Fenomenologia, Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty

A formação em Psicologia é atravessada por uma série de teorias que, a seu próprio modo e configuração de ser humano, possibilitam compreender as várias dimensões do humano. Um desses olhares é o da **Fenomenologia**.

Fenomenologia, do grego *phainesthai* que significa o que surge, o que se mostra, é uma elaboração do matemático austríaco **Edmund Husserl** que, àquela época, pleiteou contestar o *modus operandii* da ciência, marcadamente positivista. Assim, propõe o método fenomenológico como ciência do rigor, na qual a ciência poderia amparar-se e, desse modo, retornar às coisas mesmas. O que seria isso?

Conquanto a ciência viabilizava quantificar, ponderar tudo à sua volta, afastou-se de seu móvel principal, o ser humano. Dessa forma, Husserl propõe que deveria a ciência retornar ao ser humano considerando-o foco principal de toda a processualidade da vida, e que, indubitavelmente, deveria ser compreendido e não apenas interpretado. Como se poderia conseguir este feito? Através da compreensão do *mundo vivido*.

O mundo vivido, para Edmund Husserl, diz respeito ao cotidiano experienciado por cada um de nós. É, assim, esse nicho de experiências que vivenciamos cotidianamente. Somente a partir de olhar lançado, pelo próprio ser humano, sobre suas ações, reações, escolhas e decisões, diante das situações do dia a dia é que pode se chegar à compreensão. Esse olhar sobre o humano e sua humanidade propiciou que outros autores, seus seguidores, elaborassem corpo teórico sólido, diria muito consistente, e que são utilizados pela maioria dos autores, a saber: o filósofo alemão Martin Heidegger e o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty.

Martin Heidegger, em suas obras compreende o ser humano como Dasein ou Ser-Aí. Isto significa dizer que vivenciamos nossas experiências cotidianas estando mergulhados profundamente em cada uma delas e, nesse



mergulho realizado, atribuímos um sentido à cada vivência, a cada experiência. Desse modo, esta perspectiva nos traz a dimensão do Dasein como ser-no-mundo que, por sua vez, quer dizer que não existe um mundo afastado de nós, equidistante. Pelo contrário, estamos imersos no mundo, na vida, em nossas configurações relacionais e daí, imprimimos uma visada muito própria a esse mundo que também se faz tríplice; o mundo circundante, ambientes, normas e regimentos sociais e culturais; o mundo humano, nossa experiência relacional com o outro que se faz co-presença em nossa caminhada cotidiana; o mundo próprio, esse olhar sobre mim mesmo, sobre ser quem me tornei em minha trajetória de vida.

Heidegger (2002, 2013) apresenta-nos alguns constructos que julgamos necessário conhecer. O primeiro, diz respeito às existenciálias. A primeira é a compreensão. Cada ser humano em sua relação com a situação que está vivenciando, lança um olhar muito específico sobre o que está sendo experienciado, ou seja, compreende o vivido a seu modo muito próprio, privativo, singular. A segunda é a disposição. Significa dizer que cada um de nós, diante da experiência que está vivenciando, se coloca diante desta a partir da perspectiva do enfrentamento, ou seja se dispõe ou não a enfrentar as diversas situações, escolhendo, decidindo, seguindo ou não em frente. A terceira é a afetividade, existenciália que se faz presente em nossas vidas de modo contínuo, tendo em vista que, em tudo o que faço o afeto aí está, respondo ao que me ocorre a partir do viés do afeto empregado, daí, como nos diz Castro (2017, 2019, 2021) quando o mundo me fere, ou seja, vivencio determinada experiência, a ele me refiro, ou seja, direciono um olhar muito próprio, muito meu a essa situação.

Em sua obra *A caminho da linguagem* (2002), o autor chama nossa atenção à importância que devemos considerar sobre a linguagem, segundo Heidegger constitui-se a morada do ser. O que isto indica? Que é na linguagem que expressamos o sentido atribuído a todas as situações e/ou experiências cotidianas e, a partir daí, designamos nosso caminhar, nosso olhar sobre nós próprios, sobre a vida, sobre o mundo. E vivenciamos estes aspectos sob o viés



da autenticidade, da inautenticidade, da impessoalidade, da serenidade e do cuidado. Sigamos as perspectivas heideggerianas.

A autenticidade é o modo de enfrentamento das situações considerando-se com capacidade para enfrentar e seguir adiante. A inautenticidade diz respeito a esse modo de ser no receio, no temor de talvez não possuir capacidade ou mesmo condições para realizar o devido enfrentamento da situação. A impessoalidade, por sua vez, quer dizer que escolho me manter indiferente, ou mesmo mergulhado em justificativas no sentido de não enfrentar o que está ocorrendo. A serenidade, por sua vez, diz muito do modo de reflexão acerca do ocorrido, sem, contudo, tornar-se ou perceber-se inadequado ou passivo diante da situação. O cuidado é o propósito de cada ser-no-mundo. Somos chamados a cuidar de nós próprios e do outro. Um cuidado que se viabiliza na relação que estabelecemos com o outro, com a vida, conosco mesmos.

Para Heidegger, outro elemento vem somar-se aos demais, a solitudine (também na esfera do cuidado). É uma das formas fundamentais pelas quais o ser humano se relaciona com o mundo e com os outros. Ela é a atitude que envolve a preocupação e o cuidado com o outro, e a disposição para assumir a responsabilidade em relação a ele.

A solitudine, para Heidegger, não é a mera preocupação ou interesse pelo outro, mas implica a compreensão profunda da relação entre o ser humano e o mundo. Ela envolve uma compreensão de que o ser humano não é uma entidade isolada e autônoma, mas está sempre em relação com os outros e com o mundo. Assim, a solitudine é a atitude que se baseia na compreensão da interdependência e da coexistência entre os seres humanos e com o mundo.

Em sua forma mais autêntica, é a atitude que envolve a compreensão da finitude e da mortalidade da existência humana. Ela implica a disposição para enfrentar a angústia e a ansiedade que surgem diante da finitude e da transitoriedade da vida. É a atitude que pode ser cultivada por meio da reflexão e da meditação. Envolve a compreensão do ser humano como um ser-em-relação, que está constantemente se relacionando com o mundo e com os outros. A solitudine permite que o ser humano assuma uma atitude de abertura



em relação aos outros e ao mundo, e possa enfrentá-los com coragem e confiança. Assim, a solicitude é uma atitude fundamental na filosofia de Heidegger, que envolve a compreensão profunda da relação entre o ser humano e o mundo, e a disposição para assumir a responsabilidade em relação ao outro.

Para o filósofo da Floresta Negra, somos ser-para-a-morte, a finitude é a maior de todas as certezas do ser humano. É um tema central na filosofia de Heidegger, especialmente em sua obra "Ser e Tempo". Compreende que este evento não apenas ocorre no final da vida, mas como uma dimensão fundamental da existência humana. É, dessa forma, a possibilidade mais certa e mais próxima do ser humano. Todos os seres humanos são finitos e, portanto, estão fadados a morrer em algum momento, conseqüentemente, não pode ser evitada ou negada, e sua inevitabilidade é uma parte inescapável da nossa existência.

No entanto, Heidegger não vê a morte como um evento puramente negativo. Pelo contrário, argumenta que é o momento em que a nossa existência atinge sua plenitude; é o momento em que nossa existência se completa e se realiza de forma única e irrepitível. Torna-se, assim, a possibilidade mais extrema de nossa existir, o momento em que somos confrontados com nossa própria finitude e limitação e nos obriga a encarar a realidade de nossa existência e a assumir a responsabilidade por ela. A partir da compreensão da finitude, podemos encontrar um sentido para a vida e dar significado às nossas ações.

Outro filósofo da Fenomenologia que trarei a partir deste momento é **Maurice Merleau-Ponty**, cujo o interesse em temas como a ontologia, a filosofia da linguagem e a psicologia, possibilitou que elaborasse contribuições importantes para o desenvolvimento da fenomenologia e da filosofia contemporâneas.

Para Merleau-Ponty (2011), a percepção é uma função essencial do ser humano e é por meio dela que temos acesso ao mundo. Ele afirma que não há distinção entre o sujeito e o objeto. Em outras palavras, é impossível perceber o mundo de forma objetiva separada de nossa experiência pessoal. Assim, a percepção não é apenas um processo cognitivo, mas também físico e afetivo,



pois nosso corpo está sempre presente em nossas percepções. Portanto, o corpo não é apenas uma coisa que temos; é aquilo que somos e é através dele que estamos conectados ao mundo.

Uma de suas citações mais emblemáticas sobre sua concepção de percepção pode ser encontrada em "Fenomenologia da Percepção" (2011, p. 423): "Vejo o mundo com meus olhos, mas também com as minhas mãos, meus ouvidos, meu corpo inteiro."

Nesta citação, Merleau-Ponty destaca a percepção como um fenômeno corporificado, não limitado apenas à visão. Argumenta que a experiência perceptiva não é apenas uma questão de processar informações visuais, mas envolve o corpo em sua totalidade. É uma forma de engajamento ativo com o mundo, onde todos os sentidos e experiências corporais contribuem para a percepção.

Outro constructo deste autor é o que tange ao corpo, o corpo próprio que somos cada um de nós. O corpo próprio é a nossa própria forma de estar no mundo, não algo que possuímos ou controlamos, diz Merleau-Ponty (2011). A nossa percepção e interpretação da realidade são influenciadas por esse ponto de vista, que é único e pessoal. Assim, o corpo próprio é entendido como uma dimensão fundamental da nossa existência e da nossa relação com o mundo, pois é a partir dele que experimentamos a realidade de forma única e pessoal.

Pode-se inferir que para este filósofo, o corpo não é apenas um objeto físico que está no mundo, mas é a nossa forma primordial de estar no mundo. O corpo não é apenas um meio para a percepção e ação, mas é uma dimensão fundamental da nossa existência e da nossa relação com o mundo.

Além disso, o corpo é visto por Merleau-Ponty como uma dimensão que vai além do dualismo convencional entre o sujeito e o objeto. Para ele, o corpo é tanto objeto quanto sujeito da experiência, pois está presente em nossas percepções e ações, mas também é a partir dele que experimentamos a realidade de forma única e pessoal.

Para Merleau-Ponty (2011), a sensação é um aspecto da experiência em sua totalidade, em vez de apenas uma sensação específica. Ele sustenta que



nossa compreensão do corpo começa com o corpo humano. Assim, a sensação é uma experiência física e situada em vez de apenas mental.

A teoria da sensação de Merleau-Ponty oferece uma perspectiva distinta. Ele acredita que as sensações são uma interação ativa entre nosso corpo e o mundo que nos cerca, e não apenas uma reação passiva a estímulos externos, como vimos acima.

Sua filosofia se baseia no conceito de corporeidade, que se refere à nossa experiência concreta e encarnada do mundo. Ele sustenta que nosso corpo não é apenas um corpo físico, mas também um meio pelo qual vivenciamos e entendemos o mundo. Assim, nossa percepção se baseia em nossos corpos e em nossos contextos culturais e históricos.

O filósofo sustenta que nossa experiência perceptiva do mundo está ligada ao nosso corpo e que é nossos corpos que formam nossa compreensão do mundo. Em outras palavras, nossos corpos são os agentes ativos na produção de nossas experiências perceptivas, pois a percepção é uma atividade corporificada.

Enfatizando que a percepção não é uma função apenas mental, Merleau-Ponty coloca o corpo no centro da fenomenologia. Nosso corpo é o principal meio pelo qual podemos entrar em contato com o mundo e é essencial para a compreensão e interação com ele. Observamos que o filósofo entende que nossa corporalidade molda nossa percepção do espaço, afirmando que nosso corpo não apenas ocupa espaço, mas também é a base fundamental para a compreensão do espaço ao nosso redor.

Merleau-Ponty reconhece a importância da intencionalidade na percepção, como outros fenomenólogos. Ele, por outro lado, contesta a noção de que a percepção é uma atividade apenas mental, afirmando que a intencionalidade perceptiva está ligada à experiência corporal e à relação direta com o mundo. O autor parece examinar como a percepção é uma ação deliberada que envolve a orientação do sujeito em relação ao mundo que o rodeia. Ele expandiu a ideia de intencionalidade da consciência, que foi inicialmente proposta por Edmund Husserl. A compreensão tradicional da



intencionalidade como um ato exclusivamente mental ou transcendental é desafiada por essa noção.

Merleau-Ponty introduziu o conceito de "Escapo" em seu livro "Fenomenologia da Percepção". Antes da distinção entre sujeito e objeto, ele se refere à dimensão de nossa experiência perceptiva. O aspecto da experiência que não está sob controle da consciência é chamado de "escapo". O filósofo afirma que a consciência busca sempre apreender o mundo de forma imparcial e objetiva. No entanto, há sempre uma parte da experiência que escapa dessa apreensão e permanece em um nível mais subjetivo e pré-reflexivo.

Para o filósofo, antes de categorizar o mundo em objetos e começar a distinguir entre o que está dentro e fora de nós, já estamos imersos em uma atmosfera perceptiva indiferente chamada de "escapo". É uma forma de pré-objetividade que permite que a distinção inicial entre sujeito e objeto seja feita.

Amparado em obras de Heidegger, Castro (2017, 2019, 2021, 2023) revela que cada um de nós, ser-no-mundo em contínua processualidade do existir, estamos imersos em facticidades que nos impulsionam a existência, a reconhecermos-nos como quem somos, na pessoa que nos estamos tornando. Desse modo, lança a proposta dos Três Olhares na clínica psicológica de inspiração fenomenológica.

A **Clínica dos Três Olhares** – o olhar sobre mim (subjetivação), o olhar sobre o outro (intersubjetivação) e o olhar que lanço sobre o olhar do outro (subjetivação inconsistente) - (Castro, 2020, 2021), pressupõe aspectos característicos inerentes às configurações relacionais na clínica psicológica. Ao relacionar-me com esse Outro, três elementos são fundamentais para que esta perspectiva em clínica se consubstancie: constituição, configuração e compreensão.

No primeiro – *constituição* -, entrar em contato com esse que me procura trazendo sua história, eu me constituo, inexoravelmente, como parte importante dessa díade terapeutizando-terapeuta em que não há participante com maior ingerência sobre o outro, há sim, o caminhar e aprofundar contínuo que reverbera em ambas as partes, em que ambos se percebem caminhando o



mesmo trajeto e, dessa forma, não há possibilidade para exacerbação de personalidade, juízos de valor, preconceito e/ou discriminação. Existe sim, a consolidação de parceria, de lado a lado, do respeito ao Outro e sua forma muito própria, muito singular de olhar para si, para o outro, para a vida.

Ora, se me percebo constituindo a díade com esse Outro, mudanças ocorrem na relação terapêutica em si mesma. Não há apenas a figura de um ou a figura do outro, há configuração de permanente e contínuo movimento relacional onde, a cada ação de aprofundar na história que é trazida, novo mergulhar existencial é experienciado.

O que seria essa **imersão existencial**? É o que compreendo como a processualidade do fazer clínico de inspiração fenomenológica e não significa, em nenhum momento, um olhar a partir do Existencialismo. Não. É o olhar a partir da abertura para si, para o outro e para a vida que, *a pari passu*, vai ocorrendo quando terapeuta e terapeutizando se possibilitam, se permitem ir além de suas concepções teóricas e mesmo vivenciais. Ressalte-se aqui, o primeiro, seu olhar embasado na hermeticidade de “sua teoria” e o segundo, de sua “verdade absoluta” amparada em justificativas previamente estipuladas e nas quais acrisola-se continuamente, o que provoca dor, sofrimento, insegurança e fragilidade emocionais. Movimento em que ambas as partes – psicólogo-cliente – compreendem as várias dimensões do que está sendo trazido naquele encontro. É lançar-se para além da mera interpretação.

Concomitantemente, a toda vivência do constituir-se partícipe efetivo da relação e se possibilitar ao mergulho existencial, ocorre a compreensão do dito e do não-dito, do expresso e o contido nas entrelinhas, do olhar e do não-olhar, do que surge e o que se mantém velado. O fenômeno do *ek-sistir* ocorre em sua pluridimensionalidade. Esse Outro deixa de ser apenas a dor e o sofrimento trazidos para ser remetido – por si mesmo – à condição de possibilidade, à condição de *dever*, à condição de *poder-ser* ele mesmo em quaisquer circunstâncias. É facultado a ele o entendimento dos vários olhares. Compreende-se fenômeno no movimento do existir e da existência. A busca por



vivenciar a autenticidade, pelo ser-si-mesmo na dimensão que este termo representa.

Para o terapeuta, a premência de se trazer inteiro para a relação com o outro. O que isso significa? Que se deixe surpreender por essas pessoas que buscam pelo profissional de Psicologia. Pois é a partir do momento em que me lanço em disponibilidade para com elas, experienciando minha abertura em relação a outrem, é que consigo compreender que não estou ali na condição de dar respostas ao sofrimento trazido e sim me colocar em um locus de escuta que acolhe e cuida, me percebendo na condição de aprendiz do meu fazer. Efetivase, desse modo, o encontro necessário característico desta perspectiva clínica. Percebo que é na possibilidade de me compreender para além de teorias que meu ato de acolher e cuidar mostra a amplitude de meu escutar.

As situações trazidas nesses momentos têm grande significação, uma vez que, estão lançando esse Outro em verdadeiros redemoinhos emocionais que os retira do próprio caminhar e, muitas vezes, do próprio auto pertencimento. Tornam-se alijados de si mesmos. Seu caminhar se pauta no ensimesmamento, ímpeto, impossibilidade de ser quem verdadeiramente é. Adentram por um viés em que elencam, categorizam sua trajetória como “não tem mais razão de ser”; “não há por onde caminhar”; “não vejo saída”; “sou apenas filho e dependo deles”; “não tenho valor algum”. Observemos que estas concepções mostram a dimensionalidade do auto desencontro experienciado. Alijam-se de si mesmos e se veem, maioria das vezes, apenas lançados em redemoinho emocional que lhes faculta ver a vida a partir do caos, como muitos têm comentado.

Contudo, a meu ver caos é movimento, é possibilidade. Como o profissional pode lidar com esse movimento que lhe vem ao encontro? Evitando colocar-se na condição de suposto saber, que o afasta, e muito, desse Outro que não compreende de onde surgem determinadas colocações que discriminam, julgam, interdita-no de ser quem ele é, de ser quem se tornou. Renovo aqui meu pensamento de que ao lidarmos com esse Outro lembremo-nos de que não somos natureza humana, não somos condição humana, somos conquista.



O estagiário ou o profissional ao utilizar os parâmetros da Clínica dos Três Olhares de inspiração fenomenológica em sua relação com o Outro deve, inicialmente, questionar seu *modus operandii*, questionar seu olhar sobre si mesmo, questionar seu olhar sobre o outro e sobre a vida.

Primeiro, porque o que vem até ele – o Outro - já o lança em um *locus* de auto execrar-se e, conseqüentemente, o mantém em posição de escassez para consigo mesmo. Uma escassez que representa um lugar de não-possibilidade, de não-ser-si-mesmo. Castro (2020, 2021) compreende que o cotidiano é pleno em construção, desconstrução, reconstrução. Ora, essa pessoa apenas vê e escuta que é desconstrução, é erro, é equívoco – inclusive por ter nascido. Não nos cabe direcionar outro olhar a não ser aquele pautado na compreensão de que ele é para além disso, é possibilidade apesar das impossibilidades; é movimento intenso – feérico em algumas situações – e não necessita de controle, mas de imersão em seu próprio sistema caótico e, assim, compreender que é o próprio caos, é movimento, é possibilidade, é devir.

Ser-caos designa que esse Outro é para além de quaisquer possibilidades de controle. É probabilidade de compreensão. É mergulho em si mesmo lançando-se no movimento existencial que consiste em tomar para si a responsabilidade por quem se tornou. Sim. A questão primordial deixou de ser o *quem sou eu* para a expressão *quem me tornei*. E ao perceber que o movimento é o de um *ad aeternum* tornar-se si mesmo, se possibilita refletir enquanto caos que cria, que redimensiona o existir, que permite reconhecer-se como ser-possível.

Preciso retornar neste momento a outros três constructos nos quais embaso a Clínica dos Três Olhares: o acolher, o escutar e o cuidar. Busquemos aprofundar um pouco mais.

Qual seria a dimensão do acolhimento?

Acolher é muito mais que estender os braços em direção a alguém, apresentar o melhor sorriso, entregar a mão para saudação. Acolher, nesta perspectiva de clínica é tornar-se presente de tal modo que o Outro consiga se pensar para além da situação de desamparo em que está alocado. Compreende



que ali, à sua frente, está alguém em disponibilidade para com ele; alguém que não colocará em prática a emissão de juízo de valor ou quaisquer outros fatores nesta perspectiva. Percebe uma pessoa continente, junto a ele. Eis a dimensão do acolher. É um movimento caracterizado pelo possibilitar-se, pelo permitir-se estar genuína e verdadeiramente com esse Outro.

Acolher na clínica proposta é criar um ambiente de compreensão, aceitação e apoio emocional para o cliente. Envolve demonstrar empatia, aceitação incondicional e respeito pelo indivíduo que busca ajuda. Essa postura acolhedora é essencial para estabelecer relação terapêutica saudável e facilitar o processo de auto exploração e mudança.

É premente observar que acolher não significa apenas ouvir atentamente, mas também compreender as experiências do paciente, validar suas emoções e respeitar suas perspectivas, mesmo que sejam diferentes das do terapeuta. Envolve criar um espaço seguro onde o paciente se sinta confortável para expressar seus sentimentos, pensamentos e experiências sem julgamento.

O terapeuta acolhedor está presente e engajado, demonstrando interesse genuíno no bem-estar da pessoa e oferecendo suporte emocional durante o processo terapêutico. Essa atitude cria ambiente propício para a auto exploração, reflexão e crescimento pessoal, ou seja, acolher na relação terapêutica implica criar ambiente de confiança, aceitação e compreensão, no qual o paciente se sinta seguro para explorar questões difíceis, lidar com seus desafios e buscar o autoconhecimento e a mudança.

Imaginemos alguém que procura terapia após período difícil de perda. Ele relata sentimentos de tristeza profunda, isolamento e dificuldade para lidar com a perda do ente querido. Na Clínica dos Três Olhares, cabe ao terapeuta, ao acolher esse paciente, criar um ambiente de segurança e aceitação para que ele se sinta confortável em compartilhar suas emoções.

Na primeira sessão, o terapeuta nesta propositura demonstra empatia genuína ao ouvir atentamente o relato do paciente, validando suas emoções sem julgamento. Ele mostra compreensão pelo sofrimento do paciente, oferece apoio



emocional e cria espaço aberto para que a pessoa expresse suas emoções sem medo de ser rejeitado.

É utilizada a linguagem não verbal empática, como contato visual, expressões faciais atentas e postura aberta, transmitindo ao paciente que está genuinamente interessado em compreendê-lo e apoiá-lo.

Ao longo das sessões seguintes, o terapeuta continua acolhendo o paciente, oferecendo suporte emocional, ajudando-o a elaborar suas emoções e a encontrar formas saudáveis de lidar com o luto. Esse ambiente de acolhimento permite ao paciente sentir-se seguro para explorar seus sentimentos e, gradualmente, iniciar o processo de enfrentamento, adaptação à perda e, principalmente, o que sempre reflito: a pessoa vive o luto, tendo em vista que, em minha concepção luto não se elabora, luto se vive.

Nesse exemplo, o acolhimento na clínica psicológica envolve a criação de um espaço terapêutico seguro e confiável, onde o paciente se sente aceito e compreendido em momento de vulnerabilidade emocional. Essa perspectiva permite que a pessoa se sinta confortável para compartilhar suas dificuldades e buscar apoio para lidar com suas questões emocionais.

O escutar, por sua vez, se dá na dimensão e a partir do envolvimento existencial com o Outro. É o respeito pelo que está sendo relatado, pela historicidade que se efetiva ali, à sua frente. É receber os detalhes e nuances de uma mesma história. É posicionar-se em busca do sentido que estará sendo expresso em sua fala que, maioria das vezes, a própria pessoa não consegue perceber. É estabelecer relação tal que priorize ir além, priorize junto com essa pessoa, compreender a fala do discurso, ou seja, ir além do que está posto, pronto, acabado. É estar em abertura no sentido de estabelecer com esse Outro o encontro, sempre na condição de aprendiz, sempre se permitindo a possibilidade do construir-se e constituir-se enquanto estagiário e/ou profissional de Psicologia.

Como exemplo podemos imaginar uma pessoa enfrentando dificuldades em seus relacionamentos interpessoais devido a problemas de comunicação. Irá relatar sentir-se frequentemente incompreendido e frustrado em suas interações



personais e profissionais. Durante a sessão terapêutica, nesta perspectiva, o terapeuta pratica a escuta ativa e empática.

O terapeuta se concentra completamente no que o paciente está expressando, demonstrando interesse genuíno e atenção plena. Faz uso de técnicas de escuta ativa, como manter contato visual, fazer perguntas abertas para explorar mais a fundo os sentimentos do paciente e validar as emoções expressas.

O paciente compartilha situação recente no trabalho em que se sentiu incompreendido pelo colega. Em vez de interromper ou oferecer soluções imediatas, o terapeuta se concentra em escutar atentamente. Valida os sentimentos do paciente, reflete sobre o que foi compartilhado e transmite compreensão genuína em relação às dificuldades da pessoa em se comunicar.

Durante a escuta, o terapeuta não apenas presta atenção às palavras, mas também às expressões não verbais e ao tom de voz do paciente, buscando compreender não apenas o conteúdo da comunicação, mas também os sentimentos subjacentes.

Ao longo da terapia, a prática contínua de escuta ativa e empática pelo terapeuta permite ao paciente sentir-se verdadeiramente ouvido, compreendido e valorizado. Essa escuta atenta cria um ambiente de confiança, permitindo à pessoa explorar suas questões de comunicação e encontrar maneiras mais saudáveis de se expressar e se relacionar com os outros.

Neste exemplo, a escuta na relação terapêutica não se trata apenas de ouvir passivamente, mas de demonstrar empatia, validar as emoções do paciente e criar um espaço seguro para que ele se sinta compreendido e apoiado em suas dificuldades.

O cuidar é efetivado em toda a processualidade que constitui a relação terapêutica ou de aconselhamento. Despojar-se – lembremos que no sentido de não permitir um viés diferente na configuração relacional ali vivenciada – de suas concepções, julgamentos, conceitos pessoais que distorceriam o movimento de compreensão do vivido é o móvel dessa questão, a *epoché* nominada por Husserl. Castro (2021) revela que cuidar vai além do zelo e do desvelo. É um



permanecer junto a, experienciando o ser-com em sua magnitude. É auto desvelar-se!

O cuidado na relação terapêutica psicológica envolve oferecer suporte, preocupação genuína e atenção às necessidades emocionais do paciente.

Experienciando o Plantão Psicológico em escolas da rede pública sob o viés da Clínica dos Três Olhares

Relações. O ser-no-mundo é um ser de e em relação, e isso significa que precisamos considerar as dimensões presentes nas configurações relacionais que se mostram plenas em situações causadoras de dor e sofrimento, como observamos nos excertos de discursos.

É perceptível o quanto as configurações relacionais são de movimento ímpar. Movimentos que são caracterizados por uma série de vivências, inicialmente, a relação entre os membros da família envolve violência, traição, gerando um **olhar sobre o outro** em que o relacionamento é experienciado sob o viés da injúria, da desvalia, do cerceamento de ser quem se é, conseqüentemente da liberdade inerente ao ser humano.

O Plantão e sua perspectiva de possibilitar que **o olhar se volte para si mesmo**. A compreensão do existir passa por transformações. Deixo de ser o problema para perceber que sou eu mesmo que preciso delinear meu caminhar. Minha historicidade é plena em possibilidades. Consigo ir além de mim e da problemática inerente às situações que vivencio e, dessa forma, me compreendo enquanto devir, enquanto *poder-ser* (Castro, 2020, 2021).

. A dor do Outro, conforme diz Castro (2021) me lança na inquietação e no desconforto. Não consigo conviver com a possibilidade da dependência física [no caso da mãe] e isso resulta em uma atitude que poderíamos estar considerando como ilegítima, inautêntica. A forma como Vitória-Régia fala “minha mãe daquele jeito”, mostra seu não entendimento sobre a atitude do pai que se afasta, distancia-se, quando o nicho familiar poderia estar mais unido em torno dessa mãe.



O olhar sobre o Outro é de descontentamento e, como nos diz Castro (2021) no silenciar-se, no afastar-se de mim quando mais necessito de seu apoio, esse Outro me mostra que o vínculo estabelecido não parecia ter a dimensão de verdade que até então propugnava. Vitória-Régia se sente só, lançada na angústia e na perda que ocorre logo em seguida, adentra no âmbito do desamparo. Como nos diz Castro (2009, 2021) ao ser lançado na angústia, o ser humano se percebe desamparado, desesperançoso, sem perspectivas, caracterizando que a angústia é a tempestade do Ser (Castro, 2019, 2021).

Afinal, como nos diz Castro (2020, 2021) o mundo me fere e eu a ele me refiro, ou seja, a afetividade é esse sentido de compreender o mundo pelo meu olhar a partir do olhar do Outro.

Compreendamos que acolher é mais do que apresentar nosso melhor sorriso em direção à pessoa que chega em sofrimento, é você colocar-se em disponibilidade para a história que esse outro traz sem lançar um olhar para ela e a situação a partir de conceitos prévios, concepções pessoais ou juízos de valor. É entrega pra com esse Outro.

Por outro lado, o escutar diz respeito a imersão na história que esse Outro nos traz, em seus detalhes e nuances muito próprios, plenos da expressividade de ser quem ele é, de ser a pessoa na qual se tornou. É a real possibilidade de ser-com-o-outro na relação que está sendo estabelecida.

O cuidado é o direcionamento do meu olhar para com esse outro que nos procura. Um direcionar que não toma as decisões ou realiza as escolhas por esse outro. Pelo contrário, cuidar é ir além do zelo e do desvelo. É caminhar junto. Presentificar-se. Tornar-se continente junto a pessoa que nos procura em sua emergência, no caso do Plantão Psicológico, ou no processo terapêutico propriamente dito.

As temáticas trazidas em atividade com a natureza do PP, pela característica de imediatas e emergenciais, são resultado de inúmeras situações plenas em sentidos e significados que compõem a historicidade dessa pessoa. Ao plantonista cabe lançar-se junto com esse outro naquilo que traz, é a imersão existencial que se faz necessária ao desenvolvimento da tarefa. Esse outro é



possibilidade, é perspectiva, é poder-ser ele mesmo para além da problemática que o tem arremessado na im-possibilidade.

Encontramos nessa variedade de situações e, dentre estas, algumas que causam impacto, desnorteiam. Uma delas é a que será tratada neste momento, o abuso sexual a crianças, com crescimento exponencial em nossos dias, o que tem chamado muito a atenção de todos os níveis sociais, tendo em vista que, o que há décadas atrás estava restrito a determinadas classes sociais, hoje está presente em todas as esferas da sociedade.

Acolher situação como esta remete o terapeuta ou o plantonista a uma série de questionamentos, inclusive como a Psicologia tem trabalhado esses casos. Compreendemos que histórias com este teor dinamizam sentimentos e emoções tanto em quem conta como em quem está escutando. Por outro lado, também possibilita crescimento pessoal e profissional, pois lança, um e outro, ao inesperado, `à disfuncionalidade do seu próprio olhar, maioria das vezes investido apenas sob o viés da teoria com a qual se identifica e, situações dessa natureza nos reme ao aprendizado, à reflexão acerca da autoconstrução como terapeutas ou plantonistas. E nesse en-contro, a possibilidade!

Compreendo o ser humano como processualidade, ou seja, não é apenas comportamento ou respostas sob o viés de traumas e/ou transtornos, somos possibilidade, devir, vir-a-ser. E, neste movimento, temos em nós próprios os elementos necessários ao enfrentamento das situações que provocam dor, inquietação, inflexibilidade no existir, verdades inexoráveis e absolutas.

Daí, nos encaminhamos para a perspectiva dos três olhares, que reconheço se torna necessário retornar neste momento: o primeiro, o olhar sobre si mesmo que reza acerca de percebemos quem somos, compreendermos nossa historicidade e priorizarmos a nós próprios, não em detrimento do outro, mas caminhando com esse outro com o qual compartilho meu cotidiano; o segundo, o olhar sobre o outro, no sentido de buscarmos mergulhar em nossas relações para além de sofismas ou leis impregnadas de nós nos quais continuamente somos chamados a vivenciar em nossa relação com esse outro. Esse Outro é o espelho através do qual eu me enxergo. É o que me possibilita



movimentar-me para além de mim mesmo. É o que me possibilita ser quem sou e quem me tornei; o terceiro olhar, diz respeito ao fato de que muitos de nós, principalmente em nossas configurações relacionais, não nos permitimos olhar para nós próprios, apenas viabilizamos em nosso dia a dia o que acreditamos que o outro quer de nós, ou seja, caminho cotidianamente em função daquilo que eu acho que o outro quer de mim, e nisso, me deixo ficar e não me reconheço como quem sou.

Em Heidegger (2013) amparo-me para ressaltar que uma das características ou mesmo o maior fundamento do ser humano é o Cuidado. Como dizia o filósofo da Floresta Negra, ser-no-mundo é ser-de-cuidado. Um cuidado que não é expresso apenas pelo melhor sorriso ou na tapinha comercial no ombro ou nas costas, ou mesmo na oferta de algo a alguém. O cuidado a que se refere diz respeito à responsabilidade de cada um de nós pelo outro, por nós próprios, pela vida.

Assim, acolher vai além de receber esse Outro com o melhor sorriso, com o melhor abraço. Ocorre o acolher quando recebemos essa pessoa sem o *a priori*, sem que se façam presentes nossos pré-julgamentos ou preconceções. É quando nos permitimos presentificar junto a esse outro que busca por ajuda.

O olhar do outro, o segundo dentre os três olhares, pode resultar em situações em que a dor, o pesar por ser quem se é, faculta o ensimesmamento, a mágoa, o não reconhecimento de si mesmo. Enfim, é um olhar que, ao ser lançado sob o viés da desvalia, torna quem o recebe inseguro, sem perspectiva, sem se perceber no próprio caminhar. Por exemplo, no caso de situações de diagnóstico que envolvam cronicidades.

Precisamos considerar que ser comunicado de um diagnóstico dessa natureza significa ser arremessado a um conjunto de estereotípias características do quadro nosológico. É ficar tenuamente ligado ao mundo porque para o mundo eu sou diferente e as pessoas, de modo geral, não conseguem e não sabem lidar com o diferente. Nesse momento, dada a dimensão da não-aceitação da diferença do Outro, a atitude é de inautenticidade, onde por não compreender a dimensão da alteridade em que o outro foi lançado,



esse Outro utiliza da degradação daquele que recebeu a comunicação do diagnóstico, chamando-o de estranho, nomino-o com adjetivos que ferem, machucam, queimam como fogo.

No caso do Plantão Psicológico e na Clínica, quando recebo adolescentes com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, Ansiedade Generalizada, etc, minha atitude diante desse Outro, deve estar embasada na assertividade ao acolher, escutar e cuidar. Pois somente desse modo o adolescente compreende que, independentemente a quaisquer fatores que o ditam como uma pessoa com deficiência, toma para si a responsabilidade de mostrar que é além da deficiência com a qual foi diagnosticado. Consegue, assim, ir além do desamparo e da desesperança. Percebe que não necessita do respeito e da aceitação do outro, mas que ao olhar no espelho compreende a dimensão de quem se tornou.

A relação estabelecida no Plantão Psicológico não se designa apenas como mera escuta, mas propicia que o adolescente reflita sobre o que está trazendo, reflita sobre sua vivência. É uma escuta que se caracteriza por me colocar em disponibilidade para com esse Outro, onde mostro o quão me sinto privilegiado pela confiança em trazer-me sua história de vida e, acima de tudo, vivenciar o caminhar junto com ele, experienciar esse momento como um encontro pautado em não emissão de juízos de valor, pré-conceitos e preconceções. É onde me faço presente, continente junto ao adolescente que nos procura. Ocorre a prática do ser-com-o-outro em sua dor, em sua forma muito própria de conceber a vida, o mundo, a si mesmo e ao outro com o qual transita cotidianamente.

Na perspectiva dos Três Olhares, um destes adquire dimensionalidade ímpar em algumas situações, o **olhar sobre si mesmo**. A característica deste fundamento diz respeito ao fato de que esse olhar é de extrema importância na processualidade de nosso existir, tendo em vista que, ao direcionar para mim mesmo deve deduzir e que nos apreciamos como somos e em quem nos tornamos.

Compreenda-se que a perspectiva dessa formulação teórica se apoia em parâmetros fenomenológicos, e com isso, precisamos refletir sobre



determinados constructos, tais como: o adolescer faz parte da existencialidade de cada ser humano, do existir humano. E por existencialidade compreendemos a experiência da abertura (o existir), a abertura a mim mesmo, abertura ao outro, abertura à vida.

Nessa abertura, o cotidiano onde estamos lançados como ser-no-mundo torna-se o elemento onde, na esfera de especificidade da clínica, nossa proatividade é chamada a constituir-se como fator preponderante ao caminhar com o Outro. A vida é caos como já frisei, ou seja, é movimento. Desse modo, a abertura à vida e ao mundo nos conclama a lançarmo-nos nessa fluidez de movimentos em que se constitui o existir humano. Vida é movimento. É mergulhar constantemente em situações que surgem, retirando-nos de nossos lugares até aquele momento considerados seguros. Vivência é movimento, é possibilidade, é devir.

Outro aspecto diz respeito a que não vivenciamos as situações como consciência. Mas como corpo. Um corpo que aprende, que age, que reage, que movimenta, que sente, percebe e compreende a situação que está sendo vivida. Um corpo que expressa o que sente e que também se mantém em silêncio em vários momentos. Contudo, mesmo esse silêncio é movimento, é caos, é ser-possível.

No movimento e no silêncio meu corpo vivencia a amplitude de ser ele próprio, de ser sempre processualidade. Processualidade que expressa o que sente, o que pensa, o que planeja, o que se permite crescer e provoca crescimento. Um corpo que direciona um olhar.

O olhar sobre si mesmo é o movimento que realizo em direção a mim mesmo, o modo muito próprio de como me percebo em como sou, em quem me tornei, como tem sido minha trajetória, minha historicidade. É inclusive um olhar embasado na axiologia, uma vez que, nesse olhar compreendo meus valores, minha pertinência (a capacidade de pertencimento ou não a um locus, configuração relacional) na vida. É identificar, em mim, meus parâmetros existenciais de desprendimento, enfrentamento, capacidades, habilidades e atitudes diante de mim, do outro, da vida.



Somos seres relacionais. Vivemos nosso cotidiano nas mais variadas configurações relacionais nas quais transitamos. Eu e o outro somos complementares. Nos complementamos em nossas relações. Somos congêneres na processualidade do existir. O meu existir está peremptoriamente correlacionado ao existir desse outro que me acompanha. Compreendo que eu e meu semelhante somos quem somos nessa caminhada pela interação de um com o outro, o ser-com-o-outro. E dessa relação advém o aprendizado que, grosso modo, resulta em ser quem me tornei ou estou me tornando. O outro é a possibilidade, é outro ser-possível igual a mim.

As relações que estabeleço em meu trânsito na vida, faculta, muitas vezes, minha imersão em uma processualidade que caracterizo como nociva. E o que seria isso? Ora, existem situacionalidades nas quais meu olhar sobre o outro não é sobre o outro propriamente dito, mas sobre o que caracterizo como seu olhar. E, em virtude a não permitir-me direcionar o olhar a mim mesmo, lanço sobre o olhar do outro e atribuo um sentido que diria macro a esse olhar em tal amplitude que passo a vivenciar meu dia a dia em função do que acredito que o outro quer ou gostaria de mim. Deixo, dessa forma, de ser minha própria autorreferência e designo o que acredito que o outro quer ou gostaria de mim como essa referência. A auto perda é evidenciada e vivenciada. Deixo de ser eu mesmo para buscar ser o que considero que o outro deseja de mim.

Detalhe: compreendamos que essas dimensões de olhar refletem em mim, meu corpo que experiencia o meu agir e o agir do outro.

Concomitantemente à perspectiva inerente ao pressuposto fenomenológico, se torna premente elaborarmos outras imbricações. Dentre elas, a questões que dizem respeito a autenticidade, inautenticidade, impessoalidade.

Conforme mencionado, minha proposta de relação clínica tem inspiração fenomenológica, ou seja, não ousou aqui trazer os pressupostos fenomenológicos heideggerianos para serem vivenciados *ipsis litteris* na clínica. Pelo contrário. Para esta perspectiva, a autenticidade diz respeito ao olhar que esse outro lança sobre si mesmo e, sem recorrer a justificativas de quaisquer espécies, lança-se



ao enfrentamento das situações, das facticidades que estão ocorrendo em seu cotidiano. Assim, ser-autêntico é permitir-se trilhar o próprio caminho, é possibilitar-se refletir sobre o que ocorre e tomar para si as rédeas da própria vida, É compreender o existir como movimento. Um movimento que não pressupõe controle, mas reflexão, tomada de decisão, escolhas.

A inautenticidade, contudo, não está relacionada ao fato de ser contrário ao que pensamos autenticidade. Ser-inautêntico é, maioria das vezes, direcionar o olhar apenas no sentido do que acredito que o outro quer de mim, seria o abrir mão de mim mesmo enquanto sujeito de meu existir e com isso, experienciar o cotidiano sob o viés da recusa de me compreender enquanto uma pessoa que traz consigo e se caracteriza por capacidades, habilidades e atitudes diante dos revezes da vida que não são viabilizados pois não me considero como autor de minha própria trajetória apenas alguém que repete o discurso escrito por outro, viabilizando em meu existir apenas o que o outro traz para mim e assumo como verdades absolutas.

A impessoalidade, a meu ver, designa minha fuga da propositura a que me lancei anteriormente. Isto significa dizer que, muitas vezes, em virtude a não me considerar capaz de assumir minhas escolhas e decisões deixo, literalmente, o barco correr, como se não fosse minha vida, como se não fosse minha trajetória. E não significa negar pura e simplesmente, mas manter-me distante de mim e de minhas possibilidades de existir; significa passar ao longe de meu objetivo traçado por mim mesmo e simplesmente não me permitir encontrar-me no caminho a que me propus. Sou estrangeiro de mim mesmo. Sou o anfitrião que se recusa a perceber-se como o que age em função de si mesmo e do outro. Sou apátrida de mim.

Aspectos que são presentes nesta perspectiva é o que diz respeito à consideração de que a vida, continuamente, é atravessada por encontros, desencontros e re-encontros. Quando o outro chega até mim, no sentido de estar buscando compreender a dimensão do vivido, traz consigo todo um olhar muito próprio e singular sobre a experiência, vem ao meu *encontro* com perspectivas muito suas, com teorias muito herméticas e sem a possibilidade de reflexão mais



profunda: “a situação é assim, dessa forma, e não há nada mais além de dor e sofrimento que pautam minha vida”. Conforme trabalho com ele essa perspectiva vamos, gradativamente, quebrando o hermetismo de suas verdades ao ponto de passar a questionar-se acerca do corpo teórico (sim, verdadeiros corpus de certezas) trazido à terapia. Momento de quebra de certezas, surgem inseguranças, mais questionamentos se fazem presentes, ocorre o *des-encontro*. Mergulhamos juntos, presentifico-me junto a esse outro, ocorre a possibilidade de respirar para além do problema trazido e do sentido inicialmente atribuído, percebe sua dor e seu sofrimento sob outro viés, consegue respirar para além da situação, toma para si a responsabilidade e compreende que nele reside a possibilidade do enfrentamento, eis o *re-encontro*.

O discente é chamado a experienciar a dimensão do humano. É chamado a se repensar enquanto futuro profissional. É chamado ao exercício do Cuidado, trazido por Castro (2017, 2019, 2020, 2021) como o cerne de toda a processualidade do existir humano. É um Cuidado que é expresso para com o outro - o adolescente, o professor, a família – em seu movimento de autenticidade que o filósofo da Floresta Negra compreende como o meu agir com esse outro para além da perspectiva do zelo e do desvelo, mas, e, principalmente, como o exercício da compreensão da pessoa que está sob seus cuidados, como potência, como o autor do próprio caminhar, como devir.

Ser-plantonista é mergulhar no exercício da Psicologia de modo grandioso. Os discentes conseguiram compreender-se a si mesmos, acadêmica e pessoalmente, enquanto construção, desconstrução e reconstrução que, na perspectiva de Castro (2021) é o fator fundamental para o crescimento acadêmico e pessoal. Por isso, temos alguns excertos de discurso que revelam o quanto sua participação no plantão psicológico tem concorrido para que sua visão acerca da Psicologia esteja em constante e contínuo movimento e, conseqüente, diferenciação.

Ao acadêmico é, sem dúvida, facultado que compreenda, a partir da atividade, o que a Fenomenologia pressupõe no que tange ao ser humano como ser-de-possibilidades. Isto significa que em sua relação com os atores sociais do



plantão, entra em contato com outras realidades, sim, no plural, que lhes são trazidas por esse outro que procura o aconselhamento. A escuta e o cuidado aí vivenciados revelam a dimensão do acolhimento realizado. Assim, como nos diz Castro (2020, 2021) em sua proposta da perspectiva dos três olhares na clínica de inspiração fenomenológica, é no acolher, no escutar e no cuidar que a processualidade do existir é compreendida.

Através da estratégia utilizada no Plantão Psicológico, a disponibilidade necessária ao outro, os acadêmicos puderam perceber que é necessário o exercício da autenticidade que, redimensionada para a atividade significa que eles não poderiam chegar até esse outro munidos do que conheciam a priori, ou seja, precisam experienciar um encontro onde presentificar-se, ser legítimo e verdadeiro é o fundamento para a aprendizagem daí oriunda.

E nisso, a percepção é de que ocorreram mudanças. Mudanças na forma de compreender a pluridimensionalidade do fazer psicológico que, não restam dúvidas no que trazem os discursos, há um redimensionamento não apenas da relação de encontro em si mesma, mas, e, principalmente, do quanto é possível ser feito a partir da escuta que se quer e se faz autêntica, que se quer e se faz genuína, que acolhe, que cuida. E no cuidar, a possibilidade de se compreender um ser-possível em seu potencial de acolhimento a esse outro (Castro, 2020, 2021).

A relação se transforma. O modo como os plantonistas houveram pensado esse Outro na relação, muda. E muda em vários aspectos. O ser-com-o-outro é vivenciado no sentido de que ambos estão ali no locus de aprendizes. Como nos diz Heidegger (2013) é no caminhar com esse Outro que faz parte de minha história que minha história acontece; é a partir da relação que estabeleço com o Outro que meu caminhar se torna mais seguro e mais efetivo; é no trânsito cotidiano que esse Outro me mostra quem sou Eu, em quem me Tornei. Essa configuração relacional adquire uma proporção até aquele momento não imaginada. E o Outro me propicia compreender a pluralidade da relação (Castro, 2021).



A Clínica dos Três Olhares (Castro, 2020, 2021) pressupõe aspectos que podemos estar trazendo para esta análise. Segundo o autor, ao relacionar-me com esse Outro, três elementos são fundamentais de ser observados: constituição, configuração e compreensão. No primeiro, entrar em contato com esse que nos procura trazendo sua história, eu me constituo, inexoravelmente, como parte importante dessa díade paciente-terapeuta em que não há um participante com maior ingerência sobre o outro, há o caminhar e aprofundar contínuo que reverbera em ambas as partes, onde ambos se percebem caminhando o mesmo trajeto e, dessa forma, não existe a possibilidade de exacerbação de personalidade, juízos de valor, preconceito e/ou discriminação, existe sim, a consolidação de uma parceria, de um lado a lado, do respeito ao Outro e sua forma muito própria, muito singular de olhar para si, para o outro, par a vida.

Ora, se me percebo constituindo a díade com esse Outro, mudanças ocorrem na relação terapêutica em si mesma. Não há apenas a figura de um ou a figura do outro, há uma configuração de permanente e contínuo movimento relacional onde, a cada ação de aprofundar na história que é trazida, novo mergulho existencial é experienciado. O que seria esse **mergulho existencial**? É o que compreendo como a processualidade do fazer clínico de inspiração fenomenológica e não significa um olhar a partir do Existencialismo. Não. É um olhar a partir da abertura para si, para o outro e para a vida que, a pari passu, vai ocorrendo quando paciente e terapeuta se possibilitam, se permitem ir além de suas concepções teóricas.

Ressalte-se, aqui, o primeiro, de seu olhar embasado na hermeticidade de “sua teoria” e o segundo, de sua “verdade absoluta” amparada em justificativas previamente estipuladas. É entender, ambas as partes, as várias dimensões do que está sendo trazido naquele encontro. É lançar-se para além da mera interpretação.

Concomitantemente, a toda vivência do constituir-se partícipe efetivo da relação e se possibilitar o mergulho existencial, ocorre a compreensão do dito e do não-dito, do expresso e das entrelinhas, do olhar e do não-olhar, do que surge



e o que se mantém velado. O fenômeno do *ek-sistir* efetiva. Esse Outro deixa de ser apenas a dor e o sofrimento trazidos para ser remetido – por si mesmo – à condição de possibilidade, à condição de *devir*, à condição de *poder-ser* ele mesmo em quaisquer circunstâncias. É-lhe facultado redimensionar os vários olhares. Compreende-se fenômeno no movimento do existir e da existência.

Que a cada um de nós, imersos nas configurações relacionais cotidianas, se torna premente que voltemos nosso olhar para esse Outro, não apenas porque está passando por dificuldades, mas, e principalmente, porque é no meu caminhar com ele que me permito ir além de mim mesmo; é porque ao voltar-me para ele, para além da dor e sofrimento, coloco-me no locus de que esse caminhante é possibilidade, é constituição de si próprio, é configuração existencial em contínuo movimento, é compreensão de si, do outro e do mundo (Castro, 2021).

À guisa de considerações finais

A formação em Psicologia é plena em corpus teóricos que viabilizam diferentes olhares sobre o objeto de estudo desta área. Dentre essas perspectivas, encontramos a Fenomenologia-Existencial que, traz uma perspectiva mais ampla do ser humano e sua humanidade, convidando a reflexão para além de corpus teóricos herméticos.

Trabalhar os parâmetros do método fenomenológico, conforme proposto por Husserl e Martin Heidegger é sair de um locus de pensar o ser humano a priori ou a partir de perspectivas unilaterais de adoecimento, traumas, comportamentos. Parte-se do pressuposto do des-velamento do humano e sua humanidade, tendo em vista que, somos o fenômeno que surge, somos o caminhar tomando como referência o sentido da vivência. Somos possibilidade.

A Clínica dos Três Olhares foi pensada para que o acadêmico e o profissional de Psicologia possam redimensionar o fazer psicológico junto a cada um daqueles que os procura, compreendendo a pluridimensionalidade da experiência, principalmente no sentido de que esse outro não é vivência de conceito ou de paradigmas, mas alguém – neste caso específico, os



adolescentes – que, dentre os vários fatores presentes em suas vidas, três deles são fundamentais: está imerso em um contexto social, um contexto cultural e é um ser de historicidade.

Conseqüentemente, trabalhar no plantão psicológico de inspiração fenomenológica torna-se, desse modo, um desafio e um convite a ir além de parâmetros arcaicos de considerar a trajetória do ser humano apenas sob o viés reducionista e minimalista com o qual tem sido tratado até então. É compreender que ser humano e sua humanidade devem ser concebidos não na perspectiva de natureza humana, muito menos como condição humana, mas como conquista. E a experiência no plantão psicológico em escolas da rede pública tem apresentado essa possibilidade.

Referências

- Castro, E. H. B. de (2017) A filosofia de Martin Heidegger. In: Castro, E. H. B. de (org.). (2017) *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. Appris
- Castro, E. H. B. de (2019) *Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica* - Appris.
- Castro, E. H. B. de (2020) A clínica psicológica e a pesquisa em seus encontros, des-encontros e re-encontros: des-velando olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (Org.) (2020) *Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica*. – Editora Appris, p. 157-176.
- Castro, E. H. B. de. (2021) Suicídio, autolesão, relações, fatores contemporâneos: a vivência do desamparo sob o viés da Fenomenologia e a clínica dos três olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021) *Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades* – Editora Dialética, p. 309-330
- Heidegger, M. (2013). *Ser e Tempo*. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.
- Merleau-Ponty, M. (2011) *Fenomenologia da Percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura – 4ª ed. – Editora WMF Martins Fontes.

Recebido: 30/05/2024

Aceito: 23/06/2024

Publicado: 01/07/2024



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)



Autor

Ewerton Helder Bentes de Castro

Pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>